



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística e Línguas Clássicas

Curso: Letras Português

Habilitação: Bacharelado

Paulo Amozir Gomes de Souza Júnior

**A variação entre *nós* e *a gente* e suas relações de referencialidade em ambiente virtual**

Brasília

2014

Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística e Línguas Clássicas  
Curso: Letras Português  
Habilitação: Bacharelado

Paulo Amozir Gomes de Souza Júnior 11/0038339

**A variação entre *nós* e *a gente* e suas relações de referencialidade em ambiente virtual**

Trabalho apresentado ao Departamento de Letras da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Letras Português, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rozana Reigota Naves.

Brasília

2014

## Sumário

Introdução .....	<b>p. 1</b>
Descrição do Problema .....	<b>p. 5</b>
Referencial Teórico .....	<b>p. 13</b>
Metodologia .....	<b>p. 18</b>
Apresentação dos dados .....	<b>p. 20</b>
Análise dos dados .....	<b>p. 23</b>
Considerações Finais .....	<b>p. 29</b>
Referências Bibliográficas .....	<b>p. 32</b>

## Introdução

O presente trabalho analisa um fenômeno muito frequente na língua portuguesa do Brasil, a alternância de uso entre as variantes *nós* e *a gente* para representar a primeira pessoa do plural. Apesar de o posto tradicional ser da forma *nós*, estudos que serão aqui apresentados demonstram uma predominância da expressão *a gente* em contextos de fala. Entretanto, a naturalidade com que essa expressão vem sendo tratada e sua inclusão em algumas gramáticas modernas – e até seu uso por escritores nacionais – tem contribuído para que essa forma seja encontrada frequentemente em contextos de escrita, e para se aproximar desse fato este estudo analisa situações de escrita informal em ambientes virtuais.

Não é incomum na língua que duas palavras representem um mesmo elemento, ou nesse caso, uma mesma função. Isso sempre ocorre, pois a língua, apesar de ser um sistema de regras universais, está sempre evoluindo e mudando. Essa coexistência gera problemas e atritos, geralmente entre os defensores da forma tradicional e os usuários da variante mais recente. Há casos em que a controvérsia gera efeitos radicalmente negativos, estigmatizando a variante mais nova e até marginalizando, de alguma forma, as pessoas que a utilizam.

Em partes, o mesmo já foi observado com a variação que é o objeto deste trabalho - a representação da primeira pessoa do plural -, em que alguns gramáticos tradicionais defendiam – alguns ainda defendem – que apenas o uso do *nós* seria o correto, desprezando qualquer outra forma de representação desse elemento, apesar de grande parcela da população já fazer o uso corrente da variante *a gente*.

Como já foi dito, alguns gramáticos incluem a forma *a gente* como pronome com função semelhante à partícula *nós*. Um deles, Evanildo Bechara, na *Moderna Gramática Portuguesa*, discorre sobre a expressão *a gente* na seção de observações sobre pronomes. Ele coloca: “O substantivo gente, precedido do artigo a e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.” (BECHARA 2004, p. 166)

Outra gramática que traz informações sobre ambas as variantes é a *Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. Nessa obra, a expressão *a gente* é colocada como forma de representação da 1.<sup>a</sup> pessoa, e que, em linguagem informal, se emprega tanto no lugar de *nós* quanto no lugar de *eu*. “No colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*” (CUNHA & CINTRA 2001, p. 296). Os autores inclusive dão exemplos do uso da expressão feito por escritores como Fernando Pessoa: “Houve um momento entre *nós*/ Em que *a gente* não falou.” (F. Pessoa, QGP, n.º 270.).

Há ainda gramáticas que sequer citam o fato, é o caso da *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima. Por se tratar de uma gramática essencialmente normativa, como é evidenciado, seria esperado que os conceitos e formas tradicionais fossem o destaque, e esse fato se repete, principalmente, em gramáticas voltadas para o ensino e em manuais da língua portuguesa.

O que pode ser visto após esses exemplos é que, apesar de a variante *a gente* ser incluída nas gramáticas, o campo dedicado a ela, quando existente, é pequeno e geralmente composto de situações restritas – observações ou notas de rodapé. Essa simples menção não faz justiça ao alcance e força da expressão *a gente*, que aparenta não ser uma variação lexical regional e sim de escopo nacional. Entretanto, sua menção em gramáticas atuais pode significar o início da gramaticalização da forma que já se encontra naturalizada e não pode ser simplesmente ignorada como vinha acontecendo.

O objetivo dessa pesquisa é demonstrar que o uso do *a gente* ultrapassa as fronteiras da fala e alcança também o ambiente da escrita informal. Esse ambiente fica restrito aqui ao meio virtual de comunicação, que atualmente se constitui como parte importante da vida dos brasileiros. As facilidades de acesso, o número crescente de usuários e principalmente o fato de ser composto majoritariamente de comunicação escrita torna esse meio interessante para análise e coleta de dados. Esse meio virtual inclui, *a priori*, mensagens de celular, *e-mail*, *chats*, *blogs* e redes sociais. Entretanto, para esse estudo serão utilizados apenas dados da rede social *Facebook*, por ser de fácil acesso e ter um grande número de usuários.

O material utilizado como base teórica do estudo é composto de diversos manuais de linguística assim como teses relacionadas ao tema. Os dados serão analisados à luz da teoria gerativa e princípios da linguística variacionista, principalmente trabalhos da

sociolinguística paramétrica. Sendo assim, termos como variação linguística, mudanças linguísticas e noções de competência e desempenho, assim como de aquisição da linguagem serão essenciais e recorrentes para fundamentar os resultados.

Fica claro que o termo gramática utilizado aqui não diz respeito à gramática normativa. O uso de ambas as variantes não será julgado em momento algum como certo ou errado, e será tratado apenas como um fato, algo que já acontece e não pode ser ignorado. Essas mudanças na língua serão tratadas como um fenômeno natural, assim como demonstra Miotto, em sua obra *Novo Manual de Sintaxe*:

O processo de aquisição é também tido como o lugar da mudança linguística nas diversas línguas naturais. As línguas mudam e isso não é sinal, como profetizam os paladinos da GT, de pauperização linguística. Ao contrário, as línguas, naturalmente, evoluem. As explicações sobre os processos de mudança são vários, mas, em nosso caso, dizem respeito ao acionamento paramétrico, ou seja, ao valor que as crianças atribuem a um determinado parâmetro. Se os dados do input por algum motivo se tornam ambíguos, a criança poderá atribuir ao parâmetro relevante um valor distinto daquele da gramática adulta, provocando uma mudança na língua. (MIOTTO, 2007, P.36)

Alguns termos e ideias da linguística variacionista também têm papel importante em estudos dessa natureza, principalmente em relação à quantificação e organização dos dados e das variáveis. A sociolinguística também ajuda a demonstrar que fenômenos como esse sempre ocorreram e que nada disso é novo ou representa, como dizem alguns radicais, “o fim da língua portuguesa”, o que é colocado claramente por Ronald Beline, em seu artigo sobre *Variação Linguística*:

Em outras palavras, fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram que, de fato, as línguas variam. Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica - seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica. (BELINE, 2008, P.122)

A metodologia da pesquisa deste trabalho consiste, primeiro, na recolha dos dados. Serão retiradas sentenças da rede social *Facebook* ([www.facebook.com](http://www.facebook.com)), em que se verifique o uso de alguma das variantes. Após a montagem do *corpus* os dados serão quantificados para facilitar a análise. Em eles serão analisados utilizando princípios da

teoria gerativa e da sociolinguística paramétrica, para responder possíveis questões e justificar os resultados. A análise consiste em determinar até que ponto as duas formas de representação da primeira pessoa do plural indicam ou não expressões genéricas – em que a referência não é individual e sim ligada ao gênero da entidade, ou seja, fazem alusão a todos ou alguns indivíduos de um determinado grupo. (NEVES, 2007, p.246)

Também se pretende comprovar que o uso da variante *a gente* predomina nesse contexto virtual, mesmo sendo ele baseado primordialmente na linguagem escrita. Isso não significa que este estudo defenda uma variante em detrimento de outra, o que aqui se apresenta é uma simples exposição de um fato que, caso se comprove, pode auxiliar a retratar e a explicar uma parte – mesmo que mínima – do quadro linguístico brasileiro atual. Portanto, o fato de essa expressão adentrar ambientes escritos – mesmo os não considerados formais – sem qualquer estigma, pode significar um avanço gradual dessa variante, fazendo com que a forma tradicional da primeira pessoa do plural se restrinja cada vez mais.

## Descrição do Problema

Já ocorre há muito tempo no português brasileiro – doravante PB – a coexistência entre duas formas distintas de se representar a primeira pessoa do plural, as variantes *nós* e *a gente*. As duas variantes ainda ocorrem em contexto de fala informal, porém, nos últimos anos, nota-se a predominância do uso da forma *a gente* em contexto de fala, enquanto a variante *nós* passa cada vez mais a ser usada apenas na linguagem escrita.

Ambas as formas coexistem, porém alguns fatores favorecem o uso de uma variante em detrimento da outra. Fatores como nível de escolaridade, idade e classe social já foram destacados como determinantes em diversos estudos realizados sobre o tema – estudos que consistem basicamente de teses e artigos científicos, os quais serão devidamente apresentados para que se tenha uma ideia geral da situação de uso da variável objeto deste trabalho.

Primeiramente, é necessário definir com clareza o objeto de estudo. Do ponto de vista gramatical – até algum tempo atrás – a representação da 1ª pessoa do plural era realizada somente pelo pronome pessoal *nós*, sendo a forma *a gente* em alguns casos nem citada ou aparecendo apenas em notas de rodapé e sem classificação definida. Lopes (1999) em sua tese de doutorado, afirma que a classificação dada em geral para a forma *a gente* é controversa variando de fórmula de representação da primeira pessoa a pronome indefinido, segundo alguns gramáticos.

A classificação é, em geral, controversa, pois ora consideram a gente como “fórmula de representação da 1ª pessoa” (Cunha & Cintra, 1985:288), ora como forma de tratamento (Bechara, 1967:117; 86 Work. pap. linguíst., n.esp. 82-93, Florianópolis, 2010 Almeida, 1985:172), ou ainda como pronome indefinido (Said Ali, 1971:116 e Melo, 1980:122), comentários apenas em notas de rodapé. O caráter genérico e globalizante que a gente herdou do substantivo gente levou diversos pesquisadores a analisar esse uso da forma como um recurso para indeterminar o sujeito (Rollemberg et alii; 1991 e Cunha, 1993). Entretanto, não se pode, no atual estágio evolutivo, considerar a gente como pronome indefinido, mas sim como pronome pessoal, uma vez que, como aponta Nascentes (1953:170), nas classes incultas no Brasil, o verbo deixa de estabelecer a concordância formal para fazer concordância semântica com a primeira pessoa do plural, pois “a pessoa que está falando tem em mente a sua pessoa e as mais, com ela associadas”: “a gente vamos hoje”; “a gente tínhamos de voltar”. (LOPES, 1999, p. 08).



Algumas gramáticas fazem referência à variante *a gente*, contudo a forma aparece sempre ligada à linguagem coloquial e pouco – ou nada – se fala de seu uso na escrita. O caráter pronominal da variante é em alguns casos considerado. Por exemplo, na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, diz-se que o substantivo *gente* precedido do artigo *a*, quando fazendo referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, passa à classe de pronome e se emprega em linguagem informal ou não padrão. (BECHARA, 2004, p.166)

Apesar de incluir em sua gramática a forma *a gente*, Bechara a coloca na seção de observações, especificamente na parte dos pronomes de tratamento. Esse encaixe da variante nas formas de tratamento não é novidade e, segundo Lopes, houve uma pronominalização gradual das formas de tratamento no português. Em seu estudo diacrônico, ela identifica possíveis causas para o surgimento e propagação da variante *a gente*, explicitando assim sua ligação inicial com as formas de tratamento:

Defende-se pois que a pronominalização do substantivo *gente* não foi um processo isolado, mas uma conseqüência de uma mudança encaixada lingüística e socialmente. Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês universal *vós*, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia que exigia um tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de cima para baixo, se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *ocê*. (LOPES, 1999, p.147)

Não é só na gramática de Bechara que a forma *a gente* conquista seu espaço, há outras ocorrências – como já citadas na introdução deste trabalho e na citação de Lopes. Por apresentar um uso significativo, já se discute a aceitação legítima dessa forma que se encontra em processo de gramaticalização, e para se falar nisso é necessário tratar antes desse conceito. Antoine Meillet<sup>1</sup> (1912), importante linguista francês, define gramaticalização como a mudança lingüística por meio da qual ocorre a atribuição de status gramatical a um item lexical previamente autônomo – como substantivos e verbos.

A gramaticalização é um processo gradual e encaixado no sistema lingüístico. Vários fatores podem contribuir para o processo, fatores que podem estar associados não

---

<sup>1</sup> MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912. p. 130-148.

só ao item que se gramaticaliza, mas também a mudanças simultâneas que acontecem no mesmo contexto. Zilles (2007) apresenta o termo *feixe de mudanças inter-relacionadas* para descrever melhor esse processo e exemplifica:

Por exemplo, um processo de gramaticalização no sistema pronominal de uma língua pode acarretar mudança relacionada no sistema de concordância verbal, como é o caso do pronome *você* em português. Sua introdução no paradigma dos pronomes, em muitas das variedades do PB, contribuiu para a redução do paradigma de desinências verbais, justamente por originar-se de um SN (Vossa Mercê/Vossas Mercês) e associar-se a verbos na 3ª pessoa do singular (FARACO, 1996). (ZILLES, 2007, p.28)

O conceito de gramaticalização é essencial para entender como a forma *a gente* – um substantivo precedido de artigo – passa a rivalizar com o pronome pessoal *nós*. Sabe-se que a representante primária da 1.ª pessoa do plural era a variante *nós*, então de que maneira aconteceu essa inversão e essa predominância da variante *a gente*? Parte da resposta é a gramaticalização dessa forma – que, como foi visto, não depende apenas de sua aceitação por parte dos gramáticos e sim de diversos processos linguísticos e extralinguísticos.

É necessário estabelecer que esse processo de mudança da função gramatical de *a gente* não ocorreu de forma repentina e, como toda mudança na língua, foi um processo lento e gradual. Lopes (1999), após um levantamento diacrônico dos dados do PB, aponta que o substantivo *gente* já existia em textos do século XIII, contudo essa referência à primeira pessoa do plural só aconteceu recentemente.

Esse contexto gramatical é necessário para que se tenha conhecimento da abordagem dada ao tema de um ponto de vista mais prescritivo. Entretanto, existem estudos voltados para a compreensão total do fenômeno, compostos de teses e pesquisas linguísticas – principalmente na área da sociolinguística. Esse processo é estudado principalmente pela linguística variacionista, e é tido por Omena (2003) como uma mudança em curso, que pode ser influenciada por diversos fatores como idade, escolaridade, sexo, renda familiar dentre outros.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> OMENA “A referência a primeira pessoa do plural: variação ou mudança?”. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003: 63-80.

Esse fenômeno passou a ser analisado mais detidamente a partir dos estudos de Omena e Lopes. Em sua tese, Lopes fez um estudo comparativo em que analisa dados de fala dos arquivos sonoros do Projeto NURC/Brasil e compara com os resultados obtidos por Omena em 1986. Após a análise dos dados, ela conclui que os fatores linguísticos condicionantes do uso de *nós* e *a gente* são basicamente os mesmos e que o fator escolaridade e idade seriam os mais decisivos – com falantes menos escolarizados fazendo maior uso da variante emergente (*a gente*); e falantes mais velhos oferecendo maior resistência a ela.

Resultados parecidos são encontrados no trabalho sobre a concordância das formas *nós* e *a gente* de Viana (2006). As hipóteses apresentadas por ela sugerem que indivíduos pouco escolarizados seriam os responsáveis pelo uso frequente da variante *a gente* enquanto em ambientes formais predominaria a variante tradicional *nós*. Ao analisar os resultados, a autora confirma suas hipóteses, verificando uma inversão: quanto maior a escolaridade menor a frequência da forma *a gente*.

Um ponto interessante do trabalho de Viana é que ela aborda, também, o ambiente da escrita. Foram pesquisadas produções tanto de jovens do ensino fundamental quanto do ensino médio e foi demonstrado que na escrita o uso da variante *a gente* já aparece, contudo sua frequência diminui quanto maior a escolaridade do aluno. Os dados recolhidos por ela mostram que na 5.<sup>a</sup> série o uso da variante emergente chega a 41% e que no último ano do ensino médio ocorreu uma diminuição para 23%. Como a escola é um ambiente mais tradicional, que se esforça em implementar e reforçar a norma padrão, é interessante notar que o uso de *a gente* ainda apareça mesmo que em número reduzido.

Mesmo em ambientes formais – acadêmicos ou escolares, por exemplo – nota-se que o uso de *nós* na fala vem diminuindo gradativamente. Em sua pesquisa sobre o uso das variantes *nós* e *a gente* em uma comunidade “isolada” de Santa Catarina, Spessato (2010) comprova, por meio de entrevistas, que o uso da forma *a gente* é mais intenso quanto maior a escolarização do informante – dados retirados do texto demonstram que 82% dos informantes mais escolarizados utilizavam a variante emergente contra 61% dos menos escolarizados.

Ainda na pesquisa de Spessato, a hipótese de que falantes mais velhos teriam maior resistência a adotar a nova variante não se comprovou, sendo verificado que o uso da forma *a gente* em informantes com mais de 46 anos chegava a 74%. Apesar de ser um

estudo feito em uma comunidade pequena e isolada, como a própria autora alega, esperava-se encontrar uma fala mais tradicional, porém seus resultados provaram exatamente o contrário, e a conclusão apresentada chega a ser surpreendente:

Os estudos que investigam a entrada de *a gente* no sistema pronominal do português brasileiro indicam que ele se expande "de baixo para cima" (cf. LOPES, 2007). Os dados coletados no desenvolvimento desta pesquisa mostram, por outro lado, que a forma inovadora está presente de forma mais intensa entre os informantes mais escolarizados do que entre aqueles que têm um nível de escolarização mais baixo. As diferenças percentuais são bastante significativas: *a gente* aparece em 82% das ocorrências entre os sujeitos mais escolarizados, contra 61% entre os menos escolarizados. (SPESSATO, 2010).

Ainda no contexto de fala, há outro estudo feito em ambiente escolar, com alunos do ensino fundamental e médio, que demonstra o predomínio da variante *a gente* mesmo em situações mais restritivas. Os autores Magalhães e Nascimento (2006), por meio de entrevistas, comprovaram que mesmo em situações monitoradas – entrevistas diretas e não a fala informal – o uso de *nós* e bastante reduzido sendo utilizado por apenas 9,7% dos alunos contra 90,3% do uso de *a gente*. Esses resultados, assim como os outros apresentados, demonstram uma cristalização da forma emergente no contexto da fala, tanto em ambientes mais formais como em ambientes informais.

Uma das grandes questões envolvendo a variação que é objeto deste trabalho diz respeito aos contextos de uso a ela conferidos. É comum enquadrar cada variante em um contexto específico, colocando a forma *a gente* como predominante no ambiente da fala e a variante *nós* predominando no ambiente da escrita. Entretanto, esse quadro, pré-determinado com base em diversos estudos anteriores, pode estar mudando, dando início a uma nova configuração de uso das variantes.

Existem diversas pesquisas sobre esse fenômeno em contexto de fala, logo, são poucas as que fazem referência à escrita. Como já foi colocado por Viana (2006), na escrita parece haver ainda um predomínio da forma tradicional, o que pode ser explicado pela influência escolar tradicionalista, assim como fatores de prestígio e recomendações formais dadas por instituições. Ainda assim, é possível encontrar estudos sobre essa variação em ambientes de escrita.

Um pequeno artigo de autoria de Santos, Costa & Silva (2011) analisou a variação entre as formas *nós* e *a gente* na escrita de estudantes universitários da UFS. O método

da pesquisa consistia em entregar aos alunos textos com lacunas, nessas lacunas eles poderiam decidir sobre qual dentre as duas variantes usar. Os resultados mostraram que apenas 10% das lacunas eram preenchidas com a forma emergente e 60% com a forma tradicional. Apesar desse resultado corroborar com outros estudos que demonstram a predominância do *nós* na escrita, ele verifica que a forma *a gente* ocorre efetivamente nessa modalidade – mesmo em ambiente acadêmico.

Há ainda outro ponto interessante no estudo supracitado, a questão da alternância entre o uso das formas em um mesmo texto. Após uma análise geral dos dados, foi constatado que um número considerável de alunos utilizava no mesmo texto tanto a forma emergente quanto a forma tradicional, havendo uma alternância no uso das construções. Em 46% dos textos não houve variação, e nos outros 54% houve alternância na escolha das variantes, isso significa que em 54% das amostras escritas analisadas a forma *a gente* estava presente.

Por fim, com o resultado da análise da alternância da variação e da não variação em um mesmo texto, observamos que a construção *a gente* está presente na maioria destes, apresentando um percentual elevado de cinquenta e quatro por cento (54%), isso evidencia que a inclusão dessa forma está se efetivando no quadro dos pronomes pessoais, como uma variante de primeira pessoa do plural na modalidade escrita. (Santos, Costa & Silva 2011).

Se existe de fato uma alternância de uso entre as variantes, significa que existem fatores linguísticos – além dos extralinguísticos já mencionados – que fazem com que o produtor das sentenças opte por uma variante em detrimento da outra no momento da escrita. De fato, vários traços linguísticos são observados para que se consiga ter uma compreensão geral desse fenômeno, e constam nos mais extensos estudos sobre o tema. Utilizando como referência os trabalhos de Lopes (1999), Omena (1986) e Viana (2006) é possível elencar alguns fatores essenciais de natureza discursiva, semântica e morfossintática.

Como já foi dito, os traços puramente linguísticos são essenciais para se chegar a um entendimento completo da variável deste estudo, esses traços são vários, dentre eles constam: a posição do sujeito, o paralelismo formal, o grau de determinação do referente, o grau de saliência fônica e o tempo verbal, podem ser determinantes para que o falante opte por uma variante em detrimento de outra.

O fator do tempo verbal, por exemplo, pode ser crucial para explicar como a forma *a gente* se popularizou tanto na fala. Há uma tendência no PB de se fazer a concordância de referentes plurais com verbos no singular, isso leva a variante tradicional *nós* a apresentar desvantagens em relação ao uso pelos falantes, pois sentenças como “*nós vai*” ou “*nós andou*” são socialmente estigmatizadas. Já a variante *a gente* não tem esse problema, ela concorda com verbos no singular e seu uso na fala já é amplamente aceito, inclusive em ambientes mais formais. Tal fato é comprovado por Zilles (2005) ao atestar que a escolha da variante emergente se torna preferível, pois evita o problema da não concordância e o estigma social a ela atrelado.

Essa questão do tempo verbal, entretanto, não é recorrente em todas as regiões do país, podendo a expressão *a gente* concordar com verbos no Plural. Manzoni (2008), ao pesquisar o uso da expressão na variedade alagoana do PB, constata que naquela região é comum a concordância com o verbo no plural, resultando em alternâncias de uso e em sentenças como “*a gente vai ao cinema*” e “*a gente vamos ao cinema*”.

Há ainda um outro ponto controverso sobre o comportamento da variante emergente, dessa vez em relação à concordância adjetival. Enquanto no PB existem duas possibilidades ou masculino singular [M(s)] ou feminino singular [F(s)], no PE, segundo Pereira (2001), existem quatro possibilidades: M(s), F(s), M(pl) e F(pl), sendo possível encontrar sentenças como: “*A gente estava cansados*”, “*A gente estavas cansadas*”, “*A gente estava cansado*” e “*A gente estava cansada*”.

Grande parte da problemática envolvendo as variantes gira em torno da dificuldade de classificação da expressão *a gente*. Isso porque essa forma tem um caráter divergente se comparado ao pronome pessoal *nós*. Segundo Menuzzi (2000), a expressão possui traços semânticos-discursivos e traços gramaticais divergentes, se comportando no campo semântico-discursivo como primeira pessoa do plural, e no campo gramatical como terceira pessoa do singular. O autor ainda alega que tal característica não é exclusiva dessa expressão e pode ser encontrada em outras línguas, como a partícula *on* do francês (MENUZZI, 2000, p.4).

Tendo em vista a diferença entre as duas variantes apresentadas acima, é necessário indagar até que ponto seriam essas formas diferentes e em que se assemelhariam. Em seu estudo Rooryck (1994) apresenta uma teoria de marcação de

traços – similar à teoria da marcação paramétrica de Chomsky – já adaptada ao estudo de pronomes por Lopes (1999). Rooryck propõe que para cada traço há um valor que pode ser positivo [X+], negativo [X-], ausente – não especificado – ou pode ter uma atribuição específica – por exemplo, 1.<sup>a</sup> pessoa. O conjunto de valores binários, apresentados abaixo, podem ser usados para representar características das duas formas, e, assim, – de um ponto de vista mais estruturalista – chegar a possíveis semelhanças e diferenças.

Procurando uma representação econômica em termos de sistema de traços, propõe-se, no caso do gênero, a distinção binária, partindo do traço “fem(inino)” como forma marcada e representando o “masculino” – forma não marcada por excelência em português – por [-fem]. Os itens lexicais teriam como representação do gênero formal as indicações: [+fem] ou [-fem]. Com relação aos traços de número, optou-se pela oposição: [+pl] (= plural) ou [-pl] (=singular). Para o atributo “pessoa”, propõe-se a utilização do traço [eu] que seria mais ou menos marcado: [+eu] e [-eu]. (LOPES, 1999, p.26)

Utilizando os traços apresentados por Lopes – uma adaptação do sistema de Rooryck (1994) – a forma tradicional, *nós*, pode ser caracterizada da seguinte maneira: -fem; +pl; +eu; Já a expressão *a gente* recebe as seguintes marcações: +fem; -pl; -eu (análise da forma gramatical). A aplicação desse princípio de marcação binária deixa claro o que já havia sido exposto ao longo deste estudo, que ambas as variantes diferem na questão do gênero e do número – o que leva às especificidades de cada uma em relação à concordância – e divergem ainda na marcação do traço +eu que é a codificação de primeira pessoa. Sendo assim, de um ponto de vista estrutural, o pronome *nós* teria características de plural e 1.<sup>a</sup> pessoa, enquanto a variante *a gente* teria traços de singular e de 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> pessoa. Isso vai de encontro à proposta de Menuzzi (2000), pois o que conferiria à forma *a gente* características de plural seriam traços semânticos-discursivos.

Após a apresentação desses estudos, pesquisas e teorias a respeito das abordagens dadas ao tema de estudo deste trabalho, é possível sintetizar e apresentar algumas generalizações. A aceitação e amplo uso da variante *a gente* no campo da fala formal e informal, por exemplo, já foram constatados em diversos trabalhos, assim como o domínio da forma tradicional em campos de escrita mais formais. Contudo, já se apresentam evidências do aparecimento da variante emergente na escrita, o que pode indicar novos possíveis contextos de uso. Dessa forma, parece necessário que se façam

mais pesquisas nesse âmbito, com o objetivo de alcançar uma melhor representação desse fenômeno em andamento no Português Brasileiro.

### **Referencial teórico**

Este trabalho, como já foi dito, tem como base teórica uma cooperação entre teorias, uma combinação entre pressupostos da linguística variacionista e da teoria gerativa. A junção dessas duas teorias para a análise de um fenômeno linguístico não é inédita e já deu importantes passos no passado. Uma pesquisa conjunta entre Tarallo e Kato é tida como a primeira tentativa de conciliar os dois pressupostos teóricos no Brasil, o artigo intitulado *Harmonia trans-sistêmica: a variação inter e intralinguística* já circulava o meio acadêmico desde 1987, e, segundo Kato, tal cooperação se baseia na premissa de que os princípios e parâmetros deveriam explicar também as variações inter e intralinguísticas (KATO, 1996, p.16).

Apesar de no início essa cooperação ter sido vista como duvidosa, os resultados obtidos foram promissores e a visão das duas teorias como rivais ou opostas mudou para uma concepção de complementariedade. Essa mudança se deu graças a pontos de interface entre ambas as teorias, pois os dados encontrados em pesquisas sociolinguísticas necessitavam de uma teoria que explicasse as alterações linguísticas em um nível mais profundo, e a teoria gerativa dependia de dados sobre a frequência de uso de determinadas categorias para formular suas hipóteses. Dessa maneira, uma união seria – e foi – mutualmente benéfica e ajudou a produzir análises mais completas de fenômenos linguísticos.

Um bom exemplo da cooperação entre as duas teorias é um modelo de análise proposto por Roberts (1993), ele considera que uma mudança na língua acontece em três etapas: a) passos; b) reanálise; c) mudança paramétrica – estes conceitos foram expostos por Kato no prefácio do livro português Brasileiro: uma viagem diacrônica (KATO, 1996). Na etapa passos, o uso de certas construções passam a ficar menos frequentes. Na reanálise, essas estruturas tem a frequência reduzida significativamente e apresentam



representações diferentes. Por fim, a mudança paramétrica corresponde à fase em que as estruturas deixam de existir na gramática. É possível notar que nas duas primeiras etapas operam pressupostos da linguística variacionista e a terceira é claramente gerativista. Como afirma Kato, existe um encaixamento interessante, pois as hipóteses formuladas reduzem as variáveis selecionadas pelos variacionistas na investigação dos fenômenos linguísticos (KATO, 1996, p. 17).

Há ainda um ponto importante a se destacar, estes estudos interssistêmicos – como são conhecidos – encontram-se em andamento e seus resultados já estabeleceram um olhar diferente sobre as mudanças linguísticas. As mudanças aparentes, ou superficiais, da língua passam a serem concebidas como um processo sistemático de causas profundas, uma reorganização coerente, como explica Kato.

[..] os resultados fornecem uma descrição bastante instigante do que vem mudando no português do Brasil, e o conjunto desses resultados é uma evidência de que o que ocorre não é um processo de ‘deterioração da gramática’, como pensam os escolarizados pela ótica da gramática prescritivista, mas uma reorganização interna coerente, uma mudança radical (paramétrica) na língua. (KATO, 1996, p.19)

À luz de tudo o que foi exposto, estaria a variação entre *nós* e *a gente* inserida nesse contexto de mudanças profundas pelo qual vem passando a língua? De fato a inserção das formas *a gente* e *você* no quadro pronominal provocou alterações diversas no PB e levou a uma simplificação dos paradigmas flexionais. Esse paradigma, afirma Duarte, passou de seis formas distintivas para apenas três e esse empobrecimento alterou profundamente as representações de sujeito pronominal e sujeito nulo (doravante NS – *Null Subject*) no PB (DUARTE, 1996, p.110).

As formas *a gente* e *você* causaram impacto na representação do sujeito pronominal e nulo, pois possuem um sistema de concordância diferente. Antigamente cada pessoa do discurso correspondia a uma flexão verbal única e era possível se depreender o sujeito a partir da morfologia do verbo, já a inclusão das formas emergentes torna passível de confusão esse processo – pois, *você* representa a 2ª pessoa do singular e faz concordância como se fosse 3ª do singular; e *a gente* representa a 1ª pessoa do plural e sua concordância, também, copia a 3ª pessoa do singular. Há ainda a 2ª pessoa do plural, *vós*, que caiu em desuso. Todas essas alterações no quadro pronominal afetaram o

uso do sujeito nulo – que, não somente isso, mas de certa forma, dependia dos traços morfológicos verbais – e conseqüentemente se observa uma marcação cada vez mais frequente do sujeito pronominal.

A próxima etapa consiste em relacionar essas mudanças a um aspecto mais profundo da língua, uma alteração paramétrica. Poderiam essas mudanças, com o tempo, provocar uma alteração na marcação de determinado parâmetro? Segundo Duarte, o parâmetro *pro-drop* – proposto inicialmente por Chomsky (1981) e que se refere à capacidade da língua apresentar ou não sujeitos nulos – já está em processo de mudança e a tendência é cada vez menos se utilizar sujeitos nulos nas sentenças. Em sua apresentação de dados, Duarte demonstra que a frequência dos sujeitos nulos foi de 80% dos casos em 1845 para menos de 30% em 1992 (DUARTE, 1996, p.112) – uma queda significativa que caracteriza cada vez mais o PB como uma língua com marcação negativa do parâmetro *pro-drop*. Essa inversão ainda se associa à aquisição da linguagem, pois as crianças cada vez menos estarão expostas a evidências de uma opcionalidade na representação do sujeito (DUARTE, 1996, p.121) e, conseqüentemente, o parâmetro será marcado por elas utilizando essa nova configuração.

Ainda que o uso de sujeitos nulos tenha diminuído significativamente, é problemático afirmar que o PB passou a ser uma língua de sujeito não-nulo, já que em contextos específicos ele ainda é utilizado. Duarte & Kato (2014), para tentar resolver esse impasse, encaixam o PB como sendo uma língua de sujeito nulo parcial de modo que seu uso atual se restringe a contextos de anáfora. As autoras alegam que o enfraquecimento da morfologia flexional verbal não eliminou o uso do NS, apenas modificou seu comportamento sintático assemelhando, nesse aspecto, o PB ao chinês – língua sem morfologia de concordância e que possui NS.

Em relação à referencialidade, é imprescindível determinar com clareza o que constitui um referencial definido e um referencial genérico. Segundo Neves (2007), a referência ou é ligada ao indivíduo – no caso do plural a indivíduos – ou é ligada ao gênero da entidade – a todos, ou alguns representantes de um grupo. Dessa forma, um referencial definido representa indivíduos determinados e específicos como, por exemplo, na sentença *Nós saímos ontem* em que o pronome *nós* é referencialmente definido desde que faça referência à pessoa que fala e a outras pessoas determinadas. Já um referencial genérico representa um conjunto, um grupo, ou ainda uma espécie em que a pessoa que fala está de algum modo incluída como, por exemplo, na frase *Nós temos prédios*

*modernos em Brasília*, nesta sentença o *nós* é referencialmente genérico, pois representa um grupo de pessoas – incluindo a que fala – que vivem, viveram ou nasceram em Brasília.

Ainda é necessário abordar a questão da referencialidade e sua ligação com as formas de representação da 1ª pessoa do plural. No artigo de Pilati & Naves (2012), as autoras desenvolvem a hipótese de estar ocorrendo uma cisão da categoria pronominal no PB – de acordo com elas, isso pode ser observado em algumas mudanças presentes na língua, como o aumento da ordem VS, diminuição de sujeitos nulos, construções de tópico-sujeito e etc. A cisão pode ter afetado também as características de referencialidade dos pronomes, tal como apresentam as autoras: Trata-se, portanto, de um fenômeno de cisão na categoria pronominal do PB, que passa a distinguir, de um lado, 1ª e 2ª pessoa, com traço de referencialidade, e de outro lado, 3ª pessoa, sem traço de referencialidade (Pilati & Naves, 2012, p.11).

A hipótese da cisão da categoria pronominal apresenta argumentos instigantes e encontra, conforme demonstrado no artigo de Pilati & Naves (2012), apoio na teoria de Bhat (2004) sobre tipologia linguística. Bhat (2004) defende que há línguas de duas ou de três pessoas, e que os pronomes pessoais restringem-se apenas aos pronomes de 1ª e 2ª pessoa, enquanto a 3ª pessoa seria incluída na categoria de proformas – segundo ele existem características gramaticais responsáveis por esta divisão, como o fato de que os pronomes referentes à 1ª e 2ª pessoa (*eu/tu*) não apresentam flexão de gênero e os de 3ª pessoa (*ele/ela*) sim. Ainda são necessárias pesquisas para comprovar se o PB se classificaria, em seu estado atual, como uma língua de duas pessoas, contudo, as evidências aqui apresentadas parecem apontar nessa direção.

Uma abordagem semelhante da relação entre o traço de pessoa e referencialidade pode ser encontrada no trabalho de Cyrino, Duarte & Kato (2000). As autoras, com base em traços específicos das três pessoas do discurso, estabelecem uma hierarquia de referencialidade. Nesta hierarquia, a 1ª e 2ª pessoas por possuírem um traço inerente [+humano] ocupam as posições mais altas, e a 3ª pessoa – sem traços de pessoa – se encontra na posição mais baixa – essas distinções entre as pessoas do discurso corroboram a hipótese de Pilati & Naves (2012) e reforçam a relação entre 3ª pessoa e não referencialidade. Ainda segundo Duarte & Kato (2014), os sujeitos de referencial genérico partilham o traço [+humano] com a 1ª e 2ª pessoa e são representados principalmente pelas formas *você* e *a gente* (Duarte & Kato, 2014, p.6).

Utilizando como base a hipótese de Pilati & Naves (2012) e o conceito da hierarquia referencial de Cyrino, Duarte & Kato (2000) é possível fazer algumas previsões que poderão, ou não, serem comprovadas após a análise dos dados. Pilati & Naves (2012), como já foi visto, afirmam haver uma cisão que separa 1ª e 2ª pessoa da 3ª pessoa – nesse caso em relação à referencialidade –, e Cyrino, Duarte e Kato (2000) instituem uma hierarquia que classifica 1ª e 2ª pessoa como altamente referenciais e a 3ª pessoa como pouco referencial. Sendo assim, aplicando esses conceitos às variantes que são objeto deste trabalho, é possível depreender que<sup>3</sup>:

- i) O pronome *nós*, por ter apenas características de 1ª pessoa, terá na maioria dos casos seu referencial definido.
- ii) A expressão *a gente*, por possuir características gramaticais de 3ª pessoa e semântico-discursivas de 1ª pessoa (cf: Menuzzi 2000), terá mais casos de referencial genérico.

---

<sup>3</sup> Tais afirmações constituem o horizonte de resultados esperados e tanto a sua confirmação como a sua negação fornecem elementos importantes para futuras pesquisas sobre o assunto.

## Metodologia

A metodologia deste trabalho é composta de três etapas: a recolha dos dados, a quantificação ou agrupamento dos dados e, por fim, a análise. Os dados, para fins desta pesquisa, consistem em sentenças retiradas da rede social *Facebook* em que apareçam ou o uso do pronome pessoal *nós* ou da variante *a gente*. Esse *site* foi escolhido em razão do seu grande número de usuários, assim como suas características de publicação que permitem a divulgação de ideias, críticas e pensamentos por meio da escrita.

Segundo informações divulgadas pela própria rede social, o *Facebook* possui cerca de 1,23 bilhões de usuários ativos em todo o mundo e, desses, 61,5% acessam a rede diariamente<sup>4</sup>. Ainda segundo esse levantamento, o Brasil conta com 61,2 milhões de usuários, sendo o 3.º país com o maior número de pessoas cadastradas. É graças a esse grande número de usuários do *site* que ele se torna um ambiente ideal para a recolha de dados escritos – apesar de ser composto de conteúdo misto, como vídeos e fotos, a rede é composta majoritariamente de comunicação escrita.

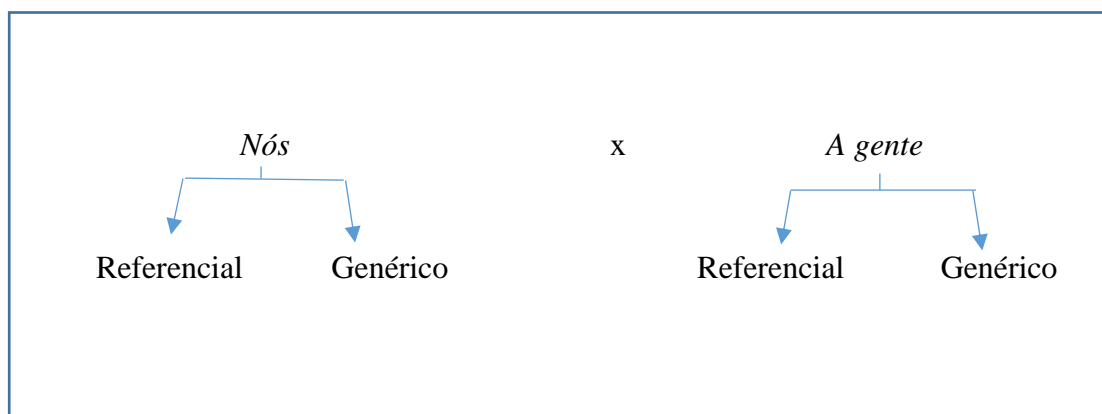
A recolha dos dados segue um determinado padrão: Serão analisados 10 perfis de usuários ativos do *site* durante uma semana, nesses perfis serão recolhidas sentenças em que apareça o uso de alguma das variantes que são o objeto deste trabalho. As sentenças serão retiradas de postagens do chamado mural da rede – espaço em que se publicam textos, ou fotos, ou vídeos visíveis ao público –, logo não serão utilizados dados de chats – por terem um caráter mais próximo da fala do que da escrita. Características como nível de escolaridade e idade, por exemplo, não serão recolhidas, pois existem usuários que bloqueiam o acesso a esse tipo de informação o que tornaria desigual utilizar apenas dados fornecidos por alguns.

A segunda parte da metodologia consiste no agrupamento, ou quantificação, dos dados. Todas as sentenças recolhidas serão divididas em dois grandes grupos, um grupo composto apenas por frases em que apareça a variante *nós*, e outro constituído de frases que apresentem a expressão *a gente*. Em seguida, ocorrerão subdivisões feitas com base no critério da interpretação genérica das sentenças – frases com referencial genérico em

---

<sup>4</sup> <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/tecnologia/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>

um subgrupo e frases com referencial determinado em outro. Sendo assim, o grupo em que estão as sentenças com a variante *nós* será composto de dois subgrupos, um em que o pronome é referencial e outro em que ele é genérico, e o mesmo acontecerá com o grupo da variante *a gente*. Essa organização é melhor representada no esquema abaixo:



A última etapa do estudo se refere à análise. Nessa parte, os resultados obtidos poderão ser justificados por meio de princípios da teoria gerativa e da sociolinguística paramétrica. O artigo de Pilati & Naves (2012) será utilizado como base teórica principal, entretanto, outros estudos serão usados para auxiliar a fundamentação. O artigo elaborado pelas pesquisadoras da Universidade de Brasília apresenta a hipótese da cisão da categoria pronominal, trata das mudanças ocorridas nessa categoria no PB e ainda da questão da referencialidade/não referencialidade presentes nessas estruturas. Sendo assim, por este trabalho ter como objeto pronomes e os relacionar à questão da referencialidade, a hipótese das pesquisadoras é essencial à parte analítica.

## Apresentação dos dados

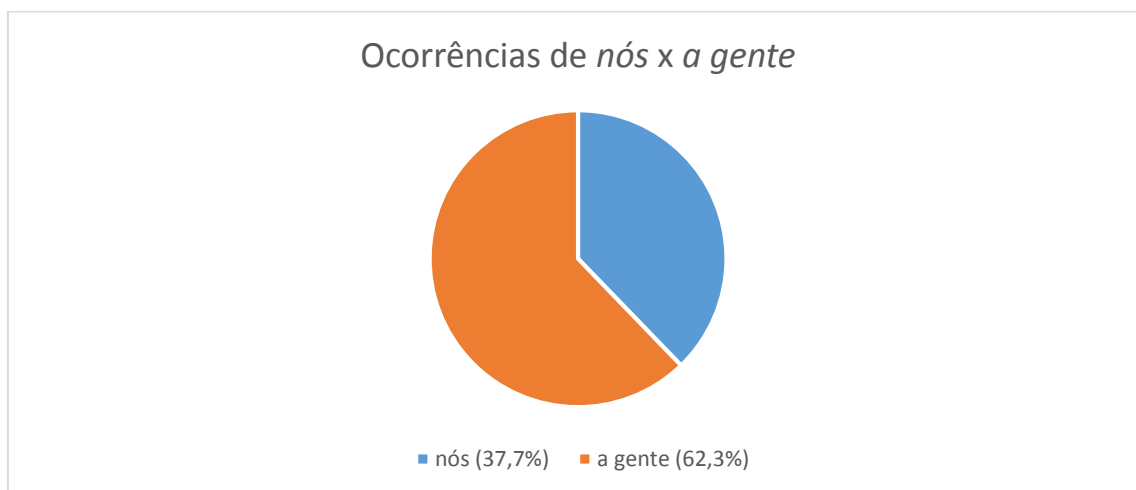
Durante uma semana foram recolhidas de dez perfis do *Facebook* sentenças que apresentavam o uso ou do pronome pessoal *nós* ou da expressão *a gente*. Cada perfil foi analisado diariamente ao longo dos sete dias e os resultados obtidos serão aqui apresentados. Todas as ocorrências de uma das duas variantes foram registradas, ou seja, se em uma mesma postagem apareceram três vezes o pronome *nós*, as três foram recolhidas e analisadas. Nesta seção também serão apresentados gráficos e tabelas para a melhor representação dos resultados obtidos.

É necessário apresentar algumas ressalvas em relação aos dados recolhidos para deixar claro algumas características específicas do contexto virtual e fundamentar algumas das escolhas feitas para os fins desta pesquisa:

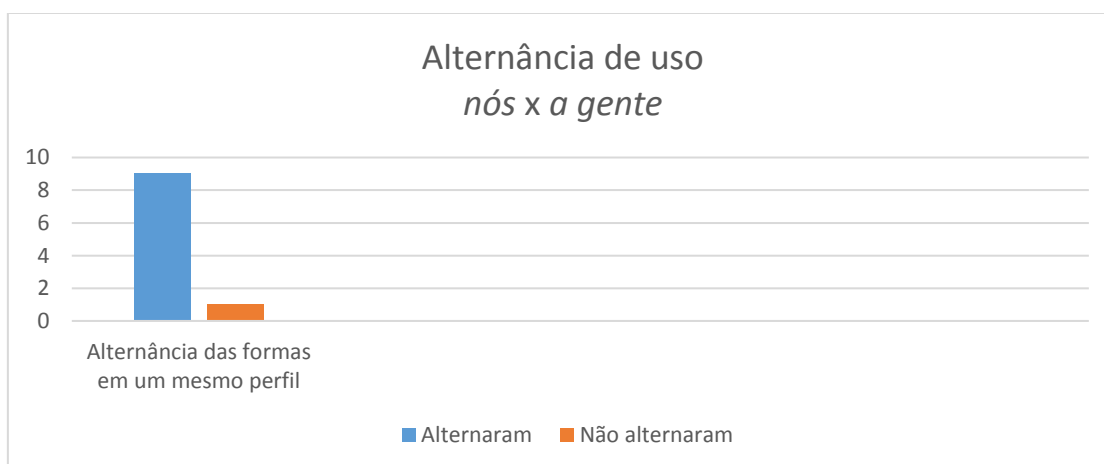
- i) É comum na escrita virtual usar abreviações para dar agilidade ao ato de escrever, logo foram considerados casos em que a variante *a gente* apareceu nas formas “a gnt” ou “agnt”, isso porque, questões formais a parte, ela ainda mantinha o sentido de 1ª pessoa do plural.
- ii) Erros na ortografia de ambas as variantes não desconsideraram sua inclusão aqui – casos de “nóis” ou “agente”. O que interessa a este trabalho é o sentido em que as variantes foram empregadas, logo, se mantinham seus sentidos característicos constituíam dados válidos.
- iii) A forma compacta “pra gente”, apesar das alterações na grafia da variante, foi considerada válida, pois representa o uso da preposição *para* com a variante *a gente* (*para + a gente*). O mesmo vale para o pronome *nós*, entretanto, nesse caso não ocorrem alterações na grafia (*pra nós*).

Foram analisadas 39 postagens no total nas quais foram registradas 45 ocorrências do uso das variantes que são objeto deste trabalho, isso significa que não houve necessariamente apenas um uso de determinada variante por postagem. Das 45 ocorrências 17 fazem referência ao pronome *nós* e 28 à expressão *a gente*. Dessa maneira,

como se esperava, o uso da variante emergente supera, mesmo em contexto de escrita informal, o uso da variante tradicional, conforme é representado no gráfico abaixo.



Uma outra característica interessante é a alternância de uso das formas dentro de um mesmo perfil. Dos dez perfis analisados nove empregaram o uso de *nós* e de *a gente*, enquanto em um perfil foi encontrado apenas o uso de uma das variantes. Apesar de a maioria variar o uso das formas, não ocorre variação entre elas dentro de uma mesma postagem, ou seja, em casos de postagens com mais de um uso de determinada variante foi utilizado apenas uma das formas. A alternância entre as variantes demonstra que o uso de uma não necessariamente impede o uso da outra, contudo, o uso dentro de um mesmo texto parece não admitir variação – paralelismo formal.





Segue abaixo uma pequena tabela com exemplos das sentenças recolhidas. O objetivo é fornecer uma pequena amostragem da maneira com que os usuários utilizaram ambas as variantes. A tabela também apresenta frases com formas abreviadas e ortograficamente incorretas, conforme indicado nas ressalvas feitas no início desta seção, para demonstrar que o sentido característico das variantes se mantém nesses casos.

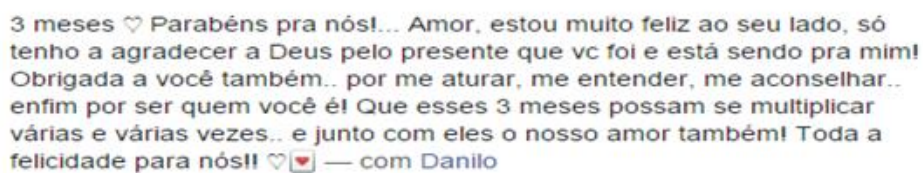
<b>Nós</b>	<b>A gente</b>
“Nós precisamos intensificar nossas orações”.	“Agente escreve do jeito que acha certo mais na vdd ta passano vergonha”.
“O amor somos nós”	“Muito estranha essa parte da vida que a gente tem que se despedir das coisas, dos lugares, das pessoas...”
“Toda a felicidade para nós!!”	“Uma pizza? agente mata fácil, Né amiga?! Kkk”
“Só rindo pra não chorar, já que nós num have educação”.	“agnt tambem ta com muita saudadee”
“mas como era muito longe, trouxe pra perto de nós”	“Viver pra gente é Cristo”

## Análise dos dados

A análise dos dados apresentados na seção anterior será feita com base nas relações de referencialidade descritas na parte teórica deste trabalho, ou seja, o uso das variantes *nós* ou *a gente* será classificado ou como referencial, em que a variante diz respeito a indivíduos determinados e ao falante, ou como genérico – em que a forma escolhida representa um grupo ou espécie no qual o falante está incluído.

Das 45 ocorrências, houve 17 casos do pronome *nós* e 28 casos da expressão *a gente*. Como foi dito na metodologia, as sentenças desses dois grandes grupos serão divididas em subgrupos – um composto de sentenças com referencial determinado e outro composto de frases com referencial genérico. Há, também nesta seção, a necessidade de apresentar algumas ressalvas relativas a escolhas feitas para a análise dos dados:

- i) Por se tratar de um ambiente virtual, o referencial determinado foi caracterizado, também, com base em mecanismos da própria rede social que permitem ao usuário especificar a quem eles se referem – recursos de marcação de pessoas e especificadores de companhia, como representado na imagem abaixo. Na figura o *nós* inclui a pessoa que escreveu a mensagem e a pessoa marcada no especificador de companhia.



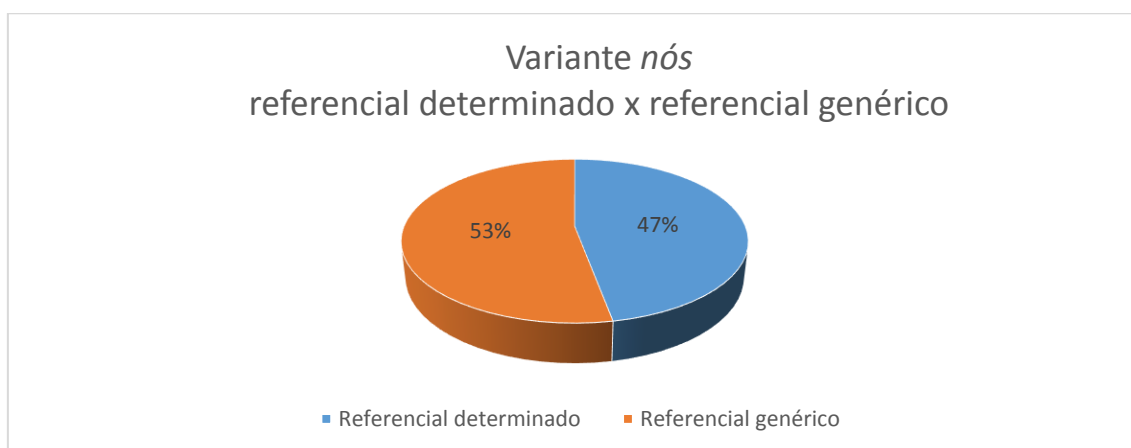
3 meses ♡ Parabéns pra nós!... Amor, estou muito feliz ao seu lado, só tenho a agradecer a Deus pelo presente que vc foi e está sendo pra mim! Obrigada a você também.. por me aturar, me entender, me aconselhar.. enfim por ser quem você é! Que esses 3 meses possam se multiplicar várias e várias vezes.. e junto com eles o nosso amor também! Toda a felicidade para nós!! ♡👉 — com Danilo

- ii) Na impossibilidade de se especificar a referência, a variante será automaticamente considerada de referencial genérico, já que o usuário faz menção a ele e a algum grupo de outras pessoas – por exemplo, um *nós* sem especificação pode representar grupos como *nós* (homens), *nós* (pessoas de Brasília) e em casos bem gerais a própria espécie: *nós* (seres humanos).

Por este trabalho tratar especificamente de formas de representação da 1ª pessoa do plural, o usuário está sempre incluso nas sentenças que produz. Sendo assim, é possível sintetizar em fórmulas as estratégias de caracterização do referencial determinado e do genérico utilizadas aqui para analisar as sentenças. O referencial determinado corresponde a: usuário + pessoas determinadas ou por meio do texto ou por meio das ferramentas da rede social; e o referencial genérico pode ser esquematizado por: usuário + referência a pessoas não identificadas, o que caracteriza uma ligação, segundo Neves (2007), com todos ou alguns indivíduos de um grupo.

A variante tradicional *nós* foi utilizada 17 vezes nas sentenças dos usuários do *Facebook* pesquisados durante a semana. Durante esse período, o pronome apresentou oito casos de referencial determinado e nove ocorrências do referencial genérico, ou seja, os casos em que a variante foi empregada para expressar genericidade superou o uso especificador da partícula, mesmo que por uma margem mínima. É perceptível a utilização do pronome em casos genéricos para fazer alusão a grupos – sentenças A e B – e à espécie – sentenças C e D. Já na maioria dos casos em que a variante foi empregada com referencial determinado os usuários utilizaram mecanismo da rede social para especificar a quem se referiam.

- A) “Nós precisamos intensificar nossas orações”. (nós da igreja, religiosos)
- B) “[...] o papai do céu lhe tirou o sofrimento, à nós o conforto.” (nós da família)
- C) “O amor somos nós” (nós pessoas, seres humanos)
- D) “Que nossa senhora interceda por nós!” (nós seres humanos)



Também houve casos em que o pronome foi empregado de forma determinada, fazendo referência a outro elemento do texto, entretanto, o substantivo a que ele se referia constituía um elemento genérico. Segundo Muller (2001), as línguas naturais utilizam dois mecanismo para expressar genericidade: expressões de referência à espécie – que especificam diretamente uma espécie – e a quantificação genérica sobre sentenças – uso de operadores de genericidade, geralmente pronomes indefinidos (Muller, 2001, p.154). O primeiro mecanismo, as expressões de referência à espécie, utilizam nomes comuns para representar todo um grupo, o nome pode estar no plural ou no singular e, por não virem precedidos de artigo, são denominados singular nu e plural nu – como por exemplo, “Garrafa de coca tem gargalo estreito” (Muller, 2001, p.156); e “Brasileiros dançam bem”. Na sentença E percebe-se que o *nós* faz referência ao elemento *homens* no texto, este elemento constitui um plural nu e, como foi visto, funciona como um elemento genérico, fazendo com que o pronome mesmo determinado estabeleça uma relação genérica.

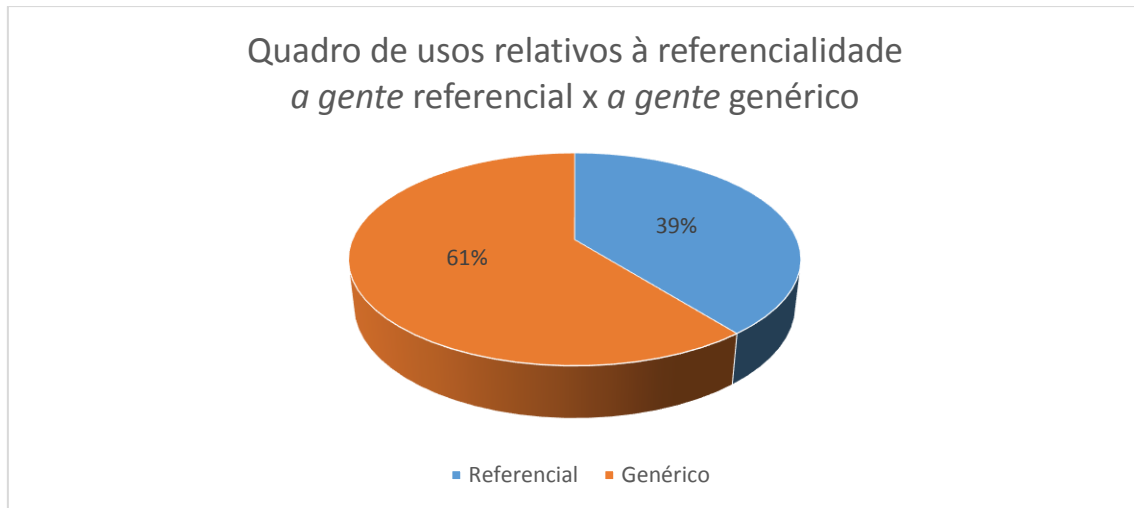
E) “Que nós homens possamos respeitá-las mais, pois não seríamos nada sem vocês.”

Em relação à expressão *a gente*, ocorreram 28 casos no total, destes, 11 tiveram seu referencial determinado e 17 constituíram referenciais genéricos. Assim como evidenciado com o pronome *nós*, a variante *a gente* também foi usada na maioria das vezes para expressar genericidade – esse resultado vai de encontro às predições realizadas no referencial teórico, entretanto o mesmo não aconteceu com as predições relacionadas à variante tradicional. Nos casos de referencial determinado foram utilizadas, principalmente, as ferramentas da rede social para especificar os indivíduos (exemplo F). E nas ocorrências de uso genérico, assim como o pronome *nós*, fez-se referências a grupos e à espécie, o que pode ser observado, respectivamente, nos exemplos G e H.

F) Parabéns Mikael! Vc é um anjo lindo de Deus! Que nosso papai do Céu continue te abençoando muuuito! A gente te ama muito!! Talita [REDACTED], Tati [REDACTED], Elizeth [REDACTED], Daniel [REDACTED], Erick [REDACTED], Gabrielly [REDACTED]

(O *a gente* representa todas as pessoas marcadas ao final da frase)

- G) “A igreja, apesar de ser muito triste o que aconteceu, a gente reconstrói, é só uma questão de tempo”. (a gente que frequenta a igreja, que é membro da igreja)
- H) “E a gente vai aprendendo com os tropeços”. (a gente referente à pessoas em geral)



O comportamento das duas variantes em relação à referencialidade apresenta dados interessantes. Como foi observado, ambas as formas foram utilizadas na maioria das vezes para expressar genericidade, esse fato apresenta uma característica fundamental, pois o contexto primário de uso das variantes, de natureza referencialmente determinada, passa a não ser mais dominante e um contexto de uso secundário, de natureza genérica, passa a ser utilizado com mais frequência. O uso das variantes para expressar genericidade pode ter relação com o fato de que elas não vêm antecedidas ou seguidas por qualquer tipo de determinante, assim como os nomes comuns caracterizados como singulares nus e plurais nus por Muller (2001), dessa forma, as variantes, apesar de não constituírem nomes comuns, funcionam como plurais nus, de tal modo que sempre fazem referência a nomes comuns, no plural e sem determinantes (conforme visto nos exemplos A, C e D, em que o *nós* se refere aos nomes comuns: pessoas, seres humanos, religiosos e etc.).

A estratégia de genericidade constituída de expressões de referência à espécie ao mesmo tempo que se relaciona com as formas de representação da 1ª pessoa do plural, quando empregadas em sentido genérico conforme exposto no parágrafo anterior, não as elenca como possíveis meios de se representar termos genéricos, e a outra estratégia apresentada por Muller (2001), dos quantificadores genéricos, não se aplica às variantes

deste trabalho, já que elas não são precedidas de determinante algum. Contudo, as variantes utilizadas em sentido genérico se enquadram parcialmente na primeira estratégia apresentada pela autora, o que difere nesse caso é que ao plural *nu*, ao qual se faz referência, soma-se a inclusão do falante que pretende não só fazer alusão a um determinado grupo ou espécie, assim como se colocar como participante dele.

Pensamento semelhante sobre referencialidade e elementos determinantes é apontado por Lopes (1999) ao tratar de substantivos pronominalizados – a autora aborda especificamente o caso da expressão *a gente*, contudo o *nós*, por também não utilizar determinantes, pode apresentar comportamento similar:

Outro aspecto a ser considerado é a estreita relação entre a gradativa perda da referenciabilidade do substantivo ao se “pronominalizar” e a sua posição no sintagma nominal. Ora, se o nome vem antecedido ou seguido por determinantes, quantificadores, qualificadores, possessivos, mais chances ele terá de ser interpretado como [+específico], [+definido], [+determinado], assumindo, assim, um caráter referencial. Por outro lado, se o item ocorre sozinho no sintagma nominal, a leitura genérica acaba por se impor. (LOPES, 1999, p.58)

Retomando especificamente as ocorrências da expressão *a gente*, observa-se que o número de casos de referenciais genéricos é, proporcionalmente, muito superior aos da variante *nós*. Isso pode ser explicado a partir de dois pressupostos: primeiro, desde a sua origem a variante *a gente* possui um caráter genérico, pois como apresenta Lopes (1999) o substantivo *gente*, antes da pronominalização, já era usado para representar várias pessoas ou um grupo de pessoas; por fim, conforme exposto no artigo de Pilati & Naves (2012), a 3ª pessoa do discurso é pouco referencial, e como a variante emergente funciona gramaticalmente como 3ª pessoa, os traços de referencialidade a ela atribuídos são também fracos. Sendo assim, percebe-se que a expressão *a gente* possui mais casos de referencial genérico do que a variante tradicional, pois possui dois fatores que favorecem esse contexto.

Outro dado interessante diz respeito ao comportamento sintático das variantes. Enquanto o pronome *nós* ocorre com mais frequência na posição de objeto, a expressão *a gente* aparece majoritariamente na posição de sujeito e em menor frequência também na de objeto – observa-se uma restrição maior do contexto sintático da partícula *nós* enquanto a forma *a gente* consegue transitar com mais liberdade entre as posições.

Após a apresentação e a análise dos dados fica evidenciado que:

- i) O uso da variante *a gente* em contexto de escrita informal supera o do pronome *nós*;
- ii) O contexto de uso secundário, referencialmente genérico, é dominante em ambas as variantes;
- iii) A representação da genericidade das variantes parece combinar pressupostos das expressões de referência à espécie apontadas por Muller (2001) e traços característicos das pessoas do discurso em relação à referencialidade apresentados por Pilati & Naves (2012).
- iv) A expressão *a gente* possui mais casos de referencial genérico em comparação ao pronome *nós*, pois possui características relativas à sua origem e ao seu comportamento gramatical que favorecem esse contexto de uso.
- v) Se observa um padrão de comportamento sintático das variantes em que a variante *nós* parece se restringir mais à posição de objeto enquanto a expressão *a gente* aparece mais na posição de sujeito.

## Considerações Finais

O uso simultâneo do pronome *nós* e da expressão *a gente* para representar a 1ª pessoa do plural constitui um fenômeno em andamento no PB e como foi visto não altera apenas a fala das pessoas. Essas alterações no quadro pronominal provocam mudanças em diversas outras categorias da língua, pois, como aponta Zilles (2007), as mudanças na língua estão inter-relacionadas, ou seja, a alteração de um fator leva a outras alterações e por fim podem acarretar, inclusive, em uma mudança radical na língua, uma mudança paramétrica.

A inserção da variante *a gente* no quadro pronominal ganhou rápida aceitação por parte dos falantes e suas características particulares de concordância contribuíram para isso. A variante emergente passou a predominar no ambiente da fala e restringiu o uso da variante tradicional ao ambiente da escrita (conforme visto em diversos estudos apresentados ao longo deste trabalho: BRUSTOLIN 2010; OMENA 1986; SPESSATO 2010; VIANNA 2006; ZILLES 2007). Entretanto, a ideia de que cada variante se limitaria a apenas um determinado contexto não representa a realidade, pois existem ainda casos de *nós* na fala e cada vez mais ocorrências de *a gente* na escrita.

Como foi visto ao longo deste trabalho e conforme a análise dos dados, a variante *a gente* aparenta estar estendendo seu domínio, sendo usada com frequência inclusive em ambientes de escrita informal. O uso majoritário da expressão nas redes sociais é evidência de que ela já é vista com naturalidade e que sua forma escrita já é parte da comunicação de milhões de brasileiros - usuários de redes sociais. O contexto virtual não pode ser ignorado como fonte de pesquisa, pois constitui uma parte inseparável da vida dos cidadãos brasileiros e traz mudanças interessantes, já que a comunicação falada passa a rivalizar com uma comunicação escrita informal.

Contudo, analisar apenas a variação não é suficiente para dar conta da totalidade do fenômeno, pois, como já observado, as mudanças superficiais da língua podem ter explicações de natureza profunda. Sendo assim, foi utilizada neste trabalho uma linha de pesquisa inter-sistêmica, uma combinação de pressupostos da linguística variacionista com a teoria gerativa, também conhecida como sociolinguística paramétrica. Apenas



desse modo foi possível compreender de que maneira a variação que é objeto deste trabalho impactou outros sistemas da língua.

A seção teórica apontou características interessantes sobre o comportamento da língua frente às mudanças ocorridas no quadro pronominal do PB. Conforme foi observado, o empobrecimento do quadro pronominal levou a uma simplificação dos paradigmas flexionais e este fato levou a uma alteração na representação dos sujeitos nulos no PB – que apresentaram uma queda significativa no número de ocorrências, segundo Duarte (1996). A diminuição dos casos de sujeitos nulos se relaciona diretamente com um parâmetro da língua, o parâmetro *pro-drop*, e provoca mudanças na língua em um nível profundo – fazendo com que o PB que era uma língua de sujeito nulo passe a ser, como apontam Duarte & Kato (2014), uma língua de sujeito nulo parcial. Dessa forma, fica facilmente noticiável o que Zilles (2007) quis dizer por mudanças inter-relacionadas, de modo que uma mudança – o enfraquecimento do quadro pronominal – tem relação com várias outras e com isso, a variação entre *nós* e *a gente* se apresenta como algo muito mais complexo do que uma simples mudança superficial na língua.

A relação entre as variantes estudadas neste trabalho e a questão da referencialidade obteve êxito em dois pontos principais: i) Houve a possibilidade de apresentar estudos recentes sobre um tema não muito abordado; ii) Os resultados da análise dos dados forneceram elementos importantes no que diz respeito à relação entre referencialidade e as formas de representação da 1ª pessoa do plural.

A hipótese da cisão da categoria pronominal proposta por Pilati & Naves (2012) foi essencial para este trabalho, pois estabeleceu uma distinção entre as pessoas do discurso, o que permitiu uma melhor classificação das variantes em relação às suas características gramaticais. Também foi imprescindível o uso da hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000), de modo que – em conjunto com a proposta de Pilati & Naves (2012) – possibilitou determinar o nível de referencialidade, baseado em traços de cada variante. Ambos os estudos contribuíram e serviram de base para a análise da referencialidade, pois já tratavam desse tema e de sua ligação com as formas pronominais.

A análise dos dados demonstrou que em ambas as variantes é o contexto de uso genérico que domina, resultado interessante tendo em vista que o contexto primário de um pronome – e conseqüentemente de uma partícula com esta função – é fazer referência

a seres determinados. Em relação ao pronome *nós*, por ter apenas características de 1ª pessoa, não houve tanta diferença entre os casos referenciais e os casos genéricos, sendo que a variante, apesar de aceitar o uso genérico, não possui fatores que favoreçam essa possibilidade. Já a expressão *a gente* apresentou uma parcela mais significativa de casos com referencial genérico, isso porque, como já explicitado, ela possui características gramaticais – de 3ª pessoa – e etimológicas – traços de genericidade imbuídos no substantivo *gente* – que favorecem esse contexto. Foi visto também que, talvez, as variantes aceitem a leitura genérica pelo fato de, geralmente, elas não virem acompanhadas por determinantes, desse modo, mesmo o contexto referencialmente definido sendo primário, o contexto genérico se torna uma possibilidade.

Por se tratar de um estudo em pequena escala não é possível determinar se o contexto genérico de uso das variantes passa a ser o predominante também na fala, são necessárias pesquisas sobre o tema nesse ambiente, o que se pode evidenciar é que em ambiente virtual os usuários utilizam com frequência essa possibilidade. Ainda que o uso de pronomes não constitua uma das estratégias defendidas por Muller (2001) para expressar genericidade, nota-se que eles desempenham essa função de forma plena, tanto que o uso genérico passa a ser preterível ao uso determinado. Contudo, a diferença é que nos casos de uso das formas de representação da 1ª pessoa do plural para denotar genericidade o usuário da língua não pretende apenas fazer alusão a determinado grupo assim como se colocar como parte integrante desse grupo.

## Referências Bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BRUSTOLIN, A. S. *Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do ensino fundamental*. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of Language. Its nature, origin and use*. Praeger, New York, 1986.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUARTE, M. E.L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: Roberts, I & Kato, M.A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 107-128.
- DUARTE, M. E. L. & KATO, M. A. *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Comunicação apresentada no XXIV ENCONTRO NACIONAL DA APL, Universidade do Minho, Braga. 2008.
- DUARTE, M. E.L. & KATO, M. A. *Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português do brasileiro*. In: VEREDAS: Sintaxe das línguas brasileiras. Volume 18, UFJF. Juiz de Fora, 2014.
- FURTADO, I. S. *Análise da variação no uso de “nós” e “a gente”*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP, 2010.
- GALVES. C. *Variação e Gramática Gerativa*. Ed. Da Unicamp, Campinas, SP, 2010.

GALVES, C. *O enfraquecimento da concordância no português brasileiro*. In Kato, Mary e Ian Roberts (eds) *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Editora de Campinas, Campinas, SP, 1993.

LOPES, C. *A inserção de a gente no quadro pronominal português: percurso histórico*. Tese de doutorado, UFRJ, 1999.

MANZONI, A. S. S. & SANTOS, R. L. A. *A gente em relações de concordância com a estrutura “pronome reflexivo + verbo” na variedade alagoana do PB*. PPGL/UFAL. Alagoas, 2008.

MENUZZI, S. *First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: chains and constraint interaction in binding*. in João Costa (ed) *Portuguese Syntax*. New Comparative Studies. Oxford University Press, 2000.

MULLER, A. *A expressão de Genericidade no Português do Brasil*. In: *Revista Letras*. Editora da UFPR, n.55, p. 153-165, jan/jun 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1990.

OMENA, N. P. (1986): “*A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural*”, in: NARO, A. J. *et alii: Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2:286–319.

OMENA, N.P. de & BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: Macedo, A. T. de et al. *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996: 75-83.

PILATI, E. N. S. & NAVES, R. R. *Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito português brasileiro*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 2, São Paulo. 2012.

ROORYCK, J. (1994): “On two types of underspecification: Towards a feature ntheory shared by syntax and phonology”, *Probus*, 6:207–233.

SPESSATO, M. B. *Formas Linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da costa da lagoa*. Work. pap. linguíst., n. esp.: 82-93, Florianópolis, 2010.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1994.

VIANNA, J. B. S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2006.

ZILLES, A. M. S. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* in *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.42, n.2, p. 27-44, junho de 2007.